



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O CORPO DOS VELHOS NA REVISTA *G MAGAZINE*

Autor: Fábio Ronaldo da Silva; (1); Co-autor (2); Co-autor (3); Co-autor (4)
Doutorando em História/ Universidade Federal de Pernambuco – fabiocg@gmail.com

Co-autor: Paulo R. Souto Maior Júnior
Doutorando em História/ Universidade Federal de Santa Catarina – paulosoutom@gmail.com

Resumo: Sexualidade e envelhecimento são questões que geralmente remetem à confluência e ao confronto entre cultura e corpo. Assuntos que nos levam a considerar as tensões entre a construção social do corpo assim como sua degeneração. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que acabam se excluindo. A diminuição do desejo, a perda da atratividade física e o quase apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração. Partindo desta premissa, o presente artigo busca fazer uma reflexão sobre homossexualidade e velhice, trazendo uma reflexão sobre o corpo, tendo como análise um ensaio de nu publicado na revista *G Magazine* em abril de 1999 com um homem de mais de 60 anos. É importante destacar que as publicações voltadas para o público gay, trarão sempre a nudez de corpos jovens “malhados” e “sarado”, pronto para serem consumidos por parecer bonito e saudável. Enquanto o corpo velho será negado, esquecido, desprezado, uma “mercadoria” obsoleta. Percebemos que única edição da *G Magazine* que desnudou o corpo velho se deu mais por ser um corpo desejante mais não desejado.

Palavras-chave: Corpo, velhice, *G Magazine*.

Introdução

A história da homossexualidade é entrecortada por inúmeras manifestações de violência, perseguição e oposições. Nas últimas décadas do século XX e bem mais no século XXI, os homossexuais assumiram o espaço público no intuito de buscar diminuir o silêncio que imperava, empunhando bandeiras e exigindo o direito à orientação homo ou uma busca



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pela “estética da existência”. As lutas empreendidas por estes sujeitos¹ têm levado a sociedade a repensar seus valores e suas instituições. Isto não significa, porém, que o preconceito e a violência deixaram de existir ou que diminuíram. Os estudos sobre homoafetividades têm sido difundidos em muitas universidades; no Brasil, há tempos pode ser encontrada uma produção significativa sobre as interfaces que envolvem o tema. Todavia, é ainda relativamente escassa a quantidade de estudos no campo da história sobre a homossexualidade na velhice.

Minois (1999), ao buscar escrever a história da velhice no Ocidente, já se perguntava sobre esse silenciamento junto aos historiadores acerca do assunto.

No Brasil, a população de idosos passou a ser motivo de interesse mais constante nas diversas áreas a partir do século XX, impulsionado pelo crescimento do número de pessoas nessa faixa etária. Entretanto, há poucos estudos sobre gays e envelhecimento, como apontam Pocahy (2004), Motta (2009) e Weeks (1983). Este último, ao refletir sobre o assunto, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o processo de envelhecer. Ainda para esse autor, o envelhecimento enquanto experiência deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhecer que,

ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O caráter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice (WEEKS, 1983, p. 238).

Se ainda são poucos os estudos sobre os homossexuais idosos, mais raros são os estudos sobre a mídia produzida para esse público que, cada vez mais vem se segmentando – hoje é possível encontrar publicações voltadas para vários grupos e tipos de gays no país² – mas é perceptível a ausência de publicações impressas voltadas para os homossexuais idosos.

¹ Sujeito, em Foucault, pode ser entendido de duas maneiras: sujeito a alguém pelo controle e dependência, bem como preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento, (DREYFUS & RABINOW, 1995).

² Podemos citar como exemplo a revista *Bear* (voltada para homoafetivos gordos ou para quem se interessa por tal perfil), além das revistas *A capa e Lado A* (para aqueles que cuidam do corpo e se interessam por assuntos ligados a televisão e cultura), dentre outras.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Há alguns sites informativos que têm como público-alvo gays velhos, a exemplo do *Grisalhos*³ criado em 2009 do qual faz parte revista digital *Homens Maduros*.

Os cientistas sociais no Brasil, em específico e, em especial, os historiadores, mesmo que timidamente, vêm buscando escrever, refletir, debater sobre a história da velhice em vários âmbitos. Entretanto, há ainda uma lacuna em História referente aos gays velhos.

O trabalho aqui apresentado, faz parte de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco sobre a visibilidade e dizibilidade dos homossexuais velhos nas publicações dirigidas para esse público partindo do periódico *O Lampião da Esquina*, passando pelas revistas *SuiGeneris*, *G Magazine*, *DOM*, *Júnior* e *H Magazine*. Todavia, aqui será feita uma breve discussão sobre o corpo do idoso tendo como análise o ensaio do ator David Cardoso produzido para a *G Magazine* em abril de 1999.

As publicações eróticas no Brasil

O surgimento do mercado de revistas eróticas e pornográficas no Brasil ganha corpo com a segmentação que ocorre no mercado desse tipo de mídia impressa, a partir da década de 1960, no qual o processo de produção começa a deixar de ser algo massificado para ser de públicos específicos. No final da década de 60, mesmo não sendo a pioneira no assunto⁴, a *Playboy*⁵ passa a ser publicada no Brasil pela Editora Abril. Duas décadas depois, devido um certo “abrandamento” que ocorre durante a Ditadura Militar, existiam quase 200 títulos de revistas eróticas ou pornográficas circulando pelo país, quase todas voltadas para o público heterossexual masculino. Mesmo com o surgimento de alguns periódicos voltados para o público gay entre as décadas de sessenta e setenta, poucos tiveram circulação nacional e quase nenhum deles tinha como foco o erotismo e/ou pornografia.

Pode aqui ser dito que a imprensa gay “sai do armário” e vai para as ruas no ano de 1963 com a criação do jornal *Snob* que tinha como slogan “*um jornal informativo para gente entendida. Um jornal para gente do bem. Um jornal para você que é de bom gosto*” e era

³ <http://grisalhos.wordpress.com>

⁴ Na época já circulavam no país as revistas *Status* e *Ele e Ela*.

⁵ Lançada originalmente nos Estados Unidos em 1953.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

editado pelo pernambucano Agildo Bezerra Guimarães⁶. *Snob* era mimeografado, circulou no Rio de Janeiro e foi publicado no período de julho de 1963 a junho de 1969. Considerado o primeiro periódico voltado para o público gay, o *Snob* contribuiu para que outros jornais fossem criados em diferentes cidades do país⁷, dentre eles, o *Lampião da Esquina*⁸, publicação de circulação nacional e que foi produzido durante os anos de 1978 a 1981, totalizando 36 edições. Um dos criadores do jornal relata o quanto foi difícil fazer com que o jornal tivesse uma circulação nacional: “Muitas bancas não queriam vender, nós não conseguimos uma distribuidora nacional, eles se recusavam. Então, em cada região havia uma distribuidora” (TREVISAN apud PÉRET, 2012, p. 51). O jornal trazia em suas páginas o discurso para que os gays saíssem do armário e assumissem a identidade homossexual para que pudessem conseguir um lugar no panorama político brasileiro.

Tanto quanto narrar a situação social e política de um grupo em determinada época, um jornal ou revista, por exemplo, voltados para determinado público, seleciona os temas e assuntos que orientam e de certa forma fundamentam a constituição e o fortalecimento de identidades dos grupos aos quais se destinam.

Muitos dos idealizadores do jornal eram os mesmos que participariam do SOMOS, o que permitiu que se estabelecesse uma forte identificação entre *Lampião da Esquina* e esse grupo. Apesar de servir como forma de comunicação entre os grupos, o jornal se dizia autônomo em relação ao movimento e seus encarregados objetivavam atingir não só os homossexuais, mas todas as pessoas interessadas em discutir a sexualidade. Além disso, pretendia discutir questões referentes a outros grupos minoritários discriminados, como as mulheres, os negros e os índios.

Nos anos 80 há uma grande lacuna referente a publicações voltada para os gays. É possível identificar boletins produzidos por grupos de apoio a portadores de HIV/Aids e uma publicação voltada para mulheres lésbicas, o *Chana com Chana*, produzido pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf). O jornal circulou de 1981 a 1987. O mercado editorial para o público gay masculino só passa a ser mais expressivo na década de 1990 e começo do século XXI, com o surgimento, no primeiro momento, das revistas *SuiGeneris*⁹ (1995) e *G Magazine*

⁶ Participou do coletivo Turma OK, o primeiro grupo de militância gay do Brasil

⁷ Ver GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.

⁸ Reuniu um grande grupo de intelectuais e jornalistas de ampla experiência profissional, dentre eles João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva e Darcy Penteadó.

⁹ Lançada pela editora SG Press



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(1997), sendo publicadas alguns anos depois a *Junior*¹⁰ (2007), *Dom* (2007) e *H Magazine* (2012), o foco dessas últimas não era a nudez, talvez para atrair mais anunciantes, mas falar sobre moda, roteiros de viagens, comportamento, dicas de saúde e beleza, ou seja, o foco não é a militância.

Com vocês, a G!

Em 1997, a Fractal Edições colocou no mercado aquela que foi a principal concorrente da *SuiGeneiris* na busca de leitores e de anunciantes, a revista *Bananaloca* que, no primeiro editorial afirmava que ser gay é mais do que sentir desejo por outro homem, mas um modo de vida diferente que interfere na maneira de ver o mundo.

Nas cinco primeiras edições, a revista saiu com o nome *Bananaloca* e, a partir do sexto número, passou a se chamar *G Magazine*, periódico que tem como especialidade o nu masculino, incidiu a se destacar das demais já existentes e que tinham a mesma proposta, pelo fato de trazer em suas capas personalidades famosas, como jogadores, atores e cantores bem como expor nu frontal e o pênis ereto. Buscando unir erotismo com militância, a revista contou com a participação de importantes representantes do movimento gay brasileiro, a exemplo de João Silvério Trevisan, Glauco Matoso, Luiz Mott e Vange Leonel. Mas, com o passar do tempo, a *G* passou a ser mais erótica do que militante.

Com uma média mensal que variava entre 60 e 100 mil exemplares, a revista a *G Magazine*, foi a primeira voltada explicitamente para gays masculinos a fazer parte da Associação Nacional dos Editores de Revista (Aner) e ter sua circulação auditivada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), fato até então inédito para revistas voltadas para esse público (SILVA, 2010).

A *G* vai chamar a atenção por trazer personalidades famosas mostrando o falo ereto, a exemplo dos atores Mateus Carrieri, Alexandre Frota, Théo Becker; dos cantores Roger Moreira (Ultrage a rigor), Latino, Reinaldo (Terra Samba), Warren Curcullo (Duran Duran); jogadores de futebol como Vampeta, Dinei, Túlio Maravilha; dentre outros “famosos” não tão

¹⁰ As revistas *Junior* e *H Magazine* foram publicadas pelo Grupo Mix Brasil, enquanto a *DOM* foi publicada pela Editora Peixes.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

famoso. Os corpos dos homens que posam para a *G*, especificamente, vão obedecer a um modelo que se encontra no imaginário dos homens no geral, sejam estes hetero ou homo, isto é, eles devem ser musculosos e bem-dotados sendo esse, um padrão de corporalidade que pode ser encontrada, a princípio, nas revistas homoeróticas onde se exhibe ou insinua o nu masculino.

O erotismo desses corpos estará ligado a alguns elementos, tais como: o corpo musculoso – uma musculatura definida - o famoso “bombado” ou “barbies”– e o pênis grande. Símbolos de virilidade e força, o corpo musculoso e o pênis grande vão ser postulados como características imprescindíveis para representar a virilidade masculina na *G Magazine*. Ao corpo malhado se atribui força, virilidade, hombridade, potencialidade e saúde. Tais sinônimos, todavia, não são atribuídos aos homens que possuem o corpo gordo ou flácido, pelo contrário, a imagem sempre atribuída a eles é a de pessoa sedentária, que toma espaço e, quando muito, pessoa forte, não por ter força, mas por ser pesado. Ou seja, o peso e a flacidez do corpo tornam-se uma forma de medir a saúde. Saudável é aquele que possui corpo malhado, ou seja, sem rugas, marcas do tempo ou excesso de peso.

O corpo, seja este do homem ou da mulher, ao longo da história, como nos mostra Sant’Anna (2000) passou por diversos processos de descobertas e ressignificações, principalmente no século XX onde foi sendo idealizado teoricamente, sendo ligado ao inconsciente (psicanálise), amarrado ao sujeito (existencialismo) e inserido nas formas sociais da cultura e aos poucos, deixou de ser visto como lugar “sacro”, passando a ser aceito e tido como “eu-pele”, onde, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, passou a ser redescoberto na arte, na política, na ciência e, principalmente pela mídia.

O “culto ao corpo” é um mecanismo altamente eficiente de individualização, ao responsabilizar cada indivíduo por sua aparência, isto é, instaurando uma nova moralidade, a da “boa forma”, referida à juventude, beleza e saúde e, conseqüentemente, acentuando particularismos ao fazer de cada indivíduo uma espécie de escrutinador de cada detalhe de seu corpo e aparência, mas não deixa de existir, ao lado desses movimentos que promovem ou



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acirram uma espécie de individualização, alguns outros imperativos, igualmente eficazes, porém opostos e contraditórios.

Como foi dito anteriormente, quase todos os que posaram para a revista apresentavam jovialidade. Como existem sempre exceções, será possível encontrar nessa magazine duas edições que, possivelmente, causaram um estranhamento nos leitores da *G*. Uma foi a edição que trouxe nu o ator David Cardoso (1999), que já participou de mais de quarenta filmes e a outra foi a que trouxe o ex-apresentador de TV, Clodovil Hernandez (2005), este último, todavia, foi apenas entrevistado. A grande novidade foi o ensaio com o ator da pornochanchada, David Cardoso, na época com 63 anos, não se encaixava no perfil dos homens que comumente aparece nos ensaios dessa revista. Cardoso, que já participou de um filme no qual o seu personagem faz sexo com outro homem, como diz a gíria recente, já é um “tiozinho”, ou seja, já não é jovem.

Bosi (1994) observa a velhice como uma categoria social que tem um estatuto ocasional, uma vez que cada sociedade tem sua própria forma de vivenciar o “declínio biológico do homem”. Desta feita, ser criança, jovem ou velho é estar inserido em um sistema social cheio de vantagens e desvantagens que poderão ser vivenciadas ao longo do tempo. Enquanto Bourdieu (1980), afirma que “velhice” é apenas uma palavra o que de fato existe, na divisão lógica entre velhice e juventude, é disputa pelo poder, é manipulação. É importante lembrar aqui que, o envelhecer e o envelhecimento não é algo restrito aos homossexuais. Envelhecer é uma condição de vida independente da orientação sexual.

Trata-se do estabelecimento de uma ordem na qual cada um deve se manter em seu lugar; do estabelecimento de limites que, quando não respeitados ou não bem estabelecidos, fazem surgir os conflitos entre as gerações. Minois (1999) vai afirmar que o termo “velhice” é impreciso, é uma palavra cujo sentido continua a ser vago e nos pergunta: quando é que nos tornamos velhos? “Teremos a idade das artérias, do coração, do cérebro, do espírito ou do próprio estado civil? Ou será antes o olhar dos outros que um dia nos classifica entre os velhos?” (Idem 1999, p.11).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Não apenas por ser um “coroa enxuto” é que o Cardoso foi posar para a *G Magazine*, mas, e talvez por ter participado de filmes meio pornôns meio comédias nos quais, geralmente, a genitália masculina não era mostrada, o que despertaria o interesse das pessoas que vivenciaram aquela época ou acompanharam as películas de ver o que sempre foi omitido nos filmes nos quais Cardoso participou¹¹.

O ensaio, realizado no Pantanal, é composto por 17 fotos do ator que, em algumas aparece seminú e, em outras, nu. Há ainda duas outras imagens de dois trabalhos que o ator participou. Paralelo ao ensaio, existe uma entrevista em que David Cardoso fala um pouco sobre algumas experiências sexuais meio que “por acaso” que acabou vivenciando com homens e das investidas amorosas feitas pelo ator Amâncio Mazzaropi.

Como já informado, a revista *G Magazine* vai se destacar das outras publicações voltadas para o público gay por mostrar artistas conhecidos peladões e com o falo ereto, entretanto, no ensaio do Cardoso, apenas em duas fotos ele aparece com o pênis ereto. Na maioria das outras fotos ele estará utilizando objetos que simbolizam o pênis, a exemplo de revólver e vara de pescar, como poderemos ver mais adiante.

Mas por qual motivo esse texto sobre o ensaio de uma pessoa mais velha em uma revista de nu masculino voltada para o público gay? Como diz um depoente para Perlongher (1987, p.106), “(...) o movimento *gay* não liberou esse preconceito de idade (...) estamos no meio da cultura da juventude: importa a masculinidade, mas também importa a idade”. O caso de um sessentão, idoso ou “tiozinho” posar para a *G Magazine* tornou-se um caso único, um “acontecimento” na história da referida revista.

¹¹ Apenas no filme *Seis mulheres de Adão* (1982) há cenas em que a genitália de David Cardoso aparece ereta.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES



Há artistas mais velhos que posaram para a revista, como Roger (Ultraje a Rigor) que na época tinha 43 anos, o ator Victor Wagner que se desnudou para a revista aos 37 e depois com 46 anos, além de Matheus Carrieri que, na primeira vez que posou para a revista tinha mais de trinta anos de idade, mas alguém com mais de 60 anos foi a primeira e única vez. Essa resistência para como a velhice é como se alguns gays vivessem o dilema de Dorian Gray para qual o envelhecimento é o principal vilão que deve ser combatido a todo custo, toda hora. Do contrário, se deixará de ser um corpo desejado, tornando-se um corpo abjeto e que deverá ser escondido assim como, de certa forma, foi feito com o corpo do David Cardoso.

Podemos perceber o quanto o corpo de uma pessoa com mais idade é desvalorizado pelos que fazem as capas da *G magazine*. Mesmo anunciando que o modelo será exibido “sem cortes”, o corte já acontece na capa, negando o que é anunciado, fazendo não transparecer o corpo que, de certa forma, está em “decomposição”. É um mérito da revista trazer uma pessoa mais velha, mas é importante perceber que essa pessoa só foi capa porque seu nome está ligado à pornochanchada brasileira e ainda para saciar o desejo daqueles que acompanharam esse movimento do cinema nacional e tiveram a oportunidade de ver David Cardoso de uma forma que, até então, nenhuma outra revista havia mostrado, como relata Fernando C. Oliveira, leitor da revista na sessão Cartas.

Homens maduros – Vocês são o máximo. Sempre quis ver o David Cardoso pelado, mas na época da pornochanchada não existia nenhum tipo de veículo como a *G Magazine*. Gosto de ver homens maduros, com cara e corpo de homem. Obrigado por tornarem o meu sonho realidade. (G Magazine, 1999)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que mostra que Cardoso está no imaginário de brasileiros como ator bonito e que já fez filmes que tinham sua eroticidade. Todavia, o mais importante é que, mesmo velho, o ator busca manter a juventude e a “boa forma”, exibindo um corpo que aparenta ser magro, jovem, bonito e sem as marcas da velhice e esses serão os pontos principais para que a revista queira desnudar e mostrar o corpo desse ator.

Se percebemos o enfoque dado ao corpo, aí podemos compreender que há um enorme preconceito dos que fazem a *G*, mas isso possivelmente se deve pelo fato de que, como nos mostra Simões (2004, p. 02),

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude.

Não possuidor da vitalidade física, o corpo de uma pessoa velha perde a virilidade, torna-se opaco, sem vida. No mundo moderno, estar velho e, conseqüentemente, vivenciar a velhice é aproximar-se da morte (ALBUQUERQUE JR, 2010).

Conclusão

Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar que o corpo envelhecendo é um dos principais desafios na contemporaneidade, para tanto basta percebermos a “obsessão” com as formas corporais e a apresentação juvenil que aparecem na *G magazine* e que atravessa todo o complexo da moda, das academias de ginástica, dos anabolizantes, dos cosméticos, da cirurgia plástica e das demais tecnologias de manutenção corporal.

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice é comum na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento, e também constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea, ao trazer corpos lisos, esculturais e “sem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

história”, isto é, jovens, à *G Magazine*, reforça ainda mais os clichês trazidos pela mídia, homoerótica ou não, de que os corpos bonitos e desejados são jovens, lisos e não enrugados.

Na sociedade contemporânea, a idade ainda é um elemento-chave para a participação dos indivíduos na vida social. Ao mesmo tempo, essa sociedade produziu uma forte impressão de sobreposição das fronteiras etárias e uma ambiguidade na maneira como a idade pode ser usada ora para desqualificar, ora para promover. No caso específico de Cardoso, apesar da idade, ele estará aparecendo nu na revista por toda história que construiu, enquanto ator de filmes da pornochanchada, não fosse por isso, ele estaria aparecendo como entrevistado, sendo um “exemplo de pessoa vitoriosa”, experiente e com um saber-fazer secular (MINOIS, 1999), e que servem como exemplo para os mais jovens. Ou poderia aparecer em alguma outra matéria “ensinando” como evitar a velhice (que se tornará visível pelas marcas no rosto ou pelos cabelos brancos) mantendo sempre um corpo “forte”, “rígido” e “potente”. Um discurso que estará sempre presente nas revistas homoeróticas brasileiras publicadas entre o final do século XX e início deste novo século é que, os gays devem sempre “ser jovem”, conseqüentemente, a jovialidade não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo que deve sempre ser “sexy”, “gostoso”, “malhado”, “sarado”, “atletico” e “saudável”. Como lembra Debert (2011, p. 80),

A aversão ao corpo envelhecido organiza o uso das tecnologias do rejuvenescimento e o modo como esse uso se reproduz. Os ideais de perfeição corporal encantam as revistas, o cinema, os comerciais de televisão, mas todos sabem que essa é uma questão de imagem visual, que jamais alguém pode pensar em atingir. É a materialidade do corpo envelhecido que se transforma em norma pela qual o corpo vivido é julgado e suas possibilidades de ação restringidas.

Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homo, para os gays idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar, pois entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão “pinta”, isto é, que possuem traços femininos, e entre aqueles que são “bichas mariconas” ou “tias”, ou seja, gays velhos. Nomeados pelos mais jovens como a “tia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

velha” - exageradamente afeminado, desprovido de atrativos e meio gagá, ou como o “tiozinho tarado”, capaz de atacar inesperadamente qualquer jovem “inocente”, os homossexuais idosos representariam uma das formas mais salientes de alteridade abjeta e excluída dentro da atual experiência “positiva” da homossexualidade masculina visível.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. In: AGRA DO Ó, Alarcon. **Velhices Imaginadas** - Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945). Campina Grande: EDUFCEG, 2010.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COURTINE, J.J. Os staknovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e tecnologias do rejuvenescimento. IN. GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.
- _____. **Além do carnaval: a homoafetividade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MINOIS, George. **História da velhice no Ocidente**. 1º edição. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.
- PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo**. São Paulo: Publifolha, 2012.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **As infinitas descobertas do corpo**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 14, p. 235-249, 2000.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SILVA, Fábio Ronaldo da. **Ser ou não ser**: A representação de virilidade nas capas da *G Magazine* (1997 – 2007). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/images/dissertacoes_defendidas/2008/fabio%20ronaldo%20da%20silva.pdf. 2010.

SIMÕES, Júlio Assis. Homoafetividade Masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. IN. **Sexualidades e saberes**: Convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamod, 2004.